

# Por que Forças Especiais?

Capitão Alessandro Visacro, Exército Brasileiro

**E**XÉRCITOS, normalmente com poder relativo de combate inferior ao de seus oponentes, têm recorrido a métodos pouco ortodoxos com o propósito de infringir-lhes danos consideráveis. Foi assim, por exemplo, com as companhias de emboscadas na Insurreição Pernambucana contra a ocupação holandesa em 1648; com as companhias de colonizadores americanos recrutadas, em 1756, pelo Major Robert Roger, durante a guerra Indo-Francesa (origem histórica dos Rangers norte-americanos); com a guerrilha espanhola contra a ocupação napoleônica; ou ainda com os comandos sul-africanos durante a Guerra dos Bôers (1899 a 1902).

Durante a Primeira Guerra Mundial, num período de muito ceticismo, um inglês, T. E. Lawrence, e um alemão, General Paul von Lettow Vorbeck, ambos na África, foram capazes de conduzir com proficiência operações de guerra irregular. Entretanto, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que as operações especiais<sup>1</sup> tiveram seu emprego consagrado em unidades como os Comandos, o *Long Range Desert Group*, o *Special Air Service* de David Stirling, o *Special Boat Squadron*, os *Rangers*, os *Chindits* de Orde Wingate, e os *Marauders*, e os Comandos SS de Otto Skorzeny, dentre outras.

Não só as clássicas “ações do tipo comandos”, como também o assessoramento especializado e o patrocínio de movimentos de resistência contra a ocupação alemã, particularmente *maquis* e *partisans*, ampliaram a abrangência dessa forma peculiar de guerra no último conflito mundial.

Durante a Guerra Fria, o impasse do confronto regular direto, levou a “terceira guerra mundial” à via irregular indireta do Terceiro Mundo, onde as operações especiais foram empregadas em larga escala, e com novas perspectivas, desde a guerra insurrecional e contra-insurrecional, como a atuação *Special Air Service*

(*SAS*) na Malásia e no Sultanato de Omã, e dos “Boinas Verdes” norte-americanos no Vietnã e na Bolívia, ao contraterrorismo, como o resgate israelense em Entebbe (1976), em Uganda, e a ação do *SAS* na embaixada do Iraã, em Londres (1980).

Excetuando-se o assalto alemão à fortaleza belga de Eben Emael, em 1940, as operações especiais inicialmente foram planejadas e conduzidas isoladamente, com pouca integração às operações convencionais, fato que se alterou (sinalizando o modelo de desempenho futuro) a partir dos principais desembarques anfíbios aliados. A visão de que unidades especiais constituem-se hoje em exércitos privados, como foram no passado, é distorcida. Sua concepção de emprego atual requer uma grande integração em todos os estágios “de planejamento e execução da campanha” às forças convencionais, com o propósito de “maximizar o potencial e a capacidade das mesmas”.

O General Carl W. Stiner, do Exército dos EUA, afirma que as unidades especiais, “quando empregadas adequadamente e em sincronização com outros meios do campo de batalha, tornam-se um multiplicador do poder de combate que oferece aos comandantes a capacidade de ampliar sua visão do campo de batalha, aumentar sua flexibilidade e aperfeiçoar sua iniciativa”.<sup>2</sup>

Portanto, torna-se indispensável que o conhecimento da concepção de emprego de unidades especiais não se restrinja aos integrantes destas forças. Daniel P. Bolger adverte: “comandantes combatentes e os planejadores de estado-maior devem passar a compreender, a partir de agora, a melhor forma de contribuição que essas unidades podem oferecer em todos os níveis de conflito”.<sup>3</sup>

Assim sendo, o presente artigo não se destina aos soldados das forças especiais, pelo contrário, seu objetivo é proporcionar aos comandantes de forças conven-

cionais, em todos os níveis, idéias básicas que lhes permitam refletir sobre as possibilidades oferecidas pelas forças especiais no Exército do século XXI.

## Considerações sobre a Guerra do Futuro

Preparar nossas Forças Armadas para atender às suas necessidades futuras de emprego requer uma análise profunda que proporcione uma perspectiva objetiva da natureza e, por conseguinte, das características da guerra que provavelmente travaremos. O ritmo acelerado das transformações pelas quais passamos hoje, em particular o reordenamento mundial pós-Guerra-Fria, o enfraquecimento do Estado-Nação e o impacto da tecnologia da informação sobre nossa sociedade, nos obriga a pensar detidamente sobre a natureza e proporções destas mudanças, para que estejamos realmente aptos a responder à pergunta: “como vencer a guerra do século XXI?”

Não somos os primeiros, nem tão pouco seremos os últimos, a nos depararmos com mudanças paradigmáticas. Porém, a despeito de qualquer mudança, “a função de uma força militar é o combate armado bem-sucedido”.<sup>4</sup> O cerne do problema torna-se, portanto, orientar corretamente nosso preparo para esse conflito.

Segundo J. F. C. Fuller, estadistas e militares fracassaram ao interpretar como as grandes transformações sociais provocadas pelas revoluções francesa, industrial e russa afetariam a “guerra do futuro” e sua conduta, fazendo do século XX uma desastrosa e ininterrupta seqüência de violência. Tal fato, por si só, sugere uma profunda reflexão para que não façamos da guerra aquilo que, segundo Clausewitz, “a natureza das circunstâncias a impede de ser”.

No início dos anos 1900 a civilização ocidental havia assistido:

- “o declínio da aristocracia e o advento da democracia;
- o desenvolvimento da indústria e do capitalismo;
- o aparecimento das massas e do socialismo;
- os progressos da ciência e os aperfeiçoamentos da técnica;
- o crescimento das populações e da pressão popular;
- a decadência da religião e a ascendência crescente do materialismo”.<sup>5</sup>

Mudanças paradigmáticas, portanto, de fato maiores do que estas que vivenciamos hoje. Robert Baumann tem razão ao dizer que “problemas inerentes ao relacionamento entre transformações tecnológicas futuristas e conceitos doutrinários são bastante similares atualmente àqueles de há um século”.<sup>6</sup> Tomemos como exemplo o impacto do advento do arame farpado, da metralhadora e do canhão de retrocarga com alma raiada, ou ainda, analisemos as cinco tendências para a condução da

guerra do futuro sugeridas, em 1993, pelo General Gordon R. Sullivan e pelo Coronel James Dubik, ambos do Exército dos EUA, everemos que elas seriam perfeitamente cabíveis em agosto de 1914.

Algumas tendências que sinalizam as características dos próximos conflitos, abandonando o modelo distorcido do século XX, aproximam-se em muitos aspectos da guerra como a conhecíamos antes de 1789:

- a efetiva subordinação dos objetivos militares aos objetivos políticos. Apesar da ampla difusão do célebre pensamento de Clausewitz de que a guerra é a “continuação das relações políticas com a entremistura de outros meios”<sup>8</sup>, os campos de batalha do século XX eclipsaram os verdadeiros objetivos políticos, fazendo da guerra um fim em si mesma;

---

*As forças especiais necessitam de um investimento pequeno diante das perspectivas de retorno que oferecem à nação, por serem capazes de conduzir as operações especiais em toda a sua plenitude. Por sua vez, essas forças devem ser capazes de, coerente com seu passado inovador e pioneiro, anteciparem-se às mudanças, assegurando a certeza de sua eficiência.*

---

- o retorno à guerra limitada em detrimento da guerra total de Clausewitz;

- a manutenção de exércitos profissionais. Apesar da distinção do exercício profissional da atividade militar ser atribuída à Prússia do século XIX (portanto recente) e ser essencialmente diferente do cavaleiro medieval (“aquele amador aristocrático e individualista”<sup>9</sup>), do mercenário do século XVII e do oficialato aristocrático do século XVIII, distingue-se ainda mais das massas de “cidadãos soldados” do século XX. Von Seeckt, com notável lucidez para a década de 20, já atestava que “a massa de conscritos, cujo treinamento tenha sido curto e superficial, é carne para canhão na pior acepção da palavra, se colocada diante de um reduzido número de tropas especializadas”.<sup>10</sup> Fato que foi incontestavelmente ilustrado, por exemplo, no Conflito do Atlântico Sul (1982), onde, segundo o Coronel Harry Summers Jr., do Exército dos EUA, “a diferença crítica foi de ordem moral e não material”.<sup>11</sup> Um exército eficiente no século XXI será, em todos os níveis e funções e para quaisquer operações, um exército de especialistas, mesmo que conduza a guerra irregular empregando civis.

- por fim, a preservação da população civil da

O desenvolvimento do contraterrorismo nas décadas de 60 e 70 converge para as graves ameaças decorrentes da urbanização.



Fotos: Exército Brasileiro

violência da guerra, como conseqüência de conflitos limitados conduzidos por forças profissionais sob crescente influência da opinião pública. A diferença entre os bombardeios de Dresden e Bagdá não foi de natureza tecnológica e sim conceitual.

É com muita propriedade e acerto, portanto, que o Major David W. Shin do Exército dos EUA, responde ao questionamento sobre a guerra do futuro: “de volta ao básico”.<sup>12</sup>

Outra significativa tendência para o emprego futuro das Forças Armadas, a urbanização, foi apresentada pelo General Henry H. Shelton:

“A população do Terceiro Mundo está se tornando a maior população urbana da história: no ano 2000, a população urbana total dos países em desenvolvimento será quase o dobro da dos países industrializados, uma estimativa que será quatro vezes maior pelo ano 2025. Um grande número de pessoas migram da zona rural para os centros urbanos em busca de uma melhor qualidade de vida somente para encontrar piores condições. Incapazes financeiramente de sustentarem moradias urbanas, estes migrantes habitam favelas ou cidades de palha erguidas nos arredores dos grandes centros criando um solo fértil para crises, conflitos, terroris-

mo, revolta e outras formas de violência política. Contribuindo também para a violência está a proliferação irrestrita de armas leves nos países em desenvolvimento. De acordo com os analistas Jennifer Taw e Bruce Hoffman, os futuros campos de morte dos países em desenvolvimento não serão florestas impenetráveis em áreas montanhosas remotas, onde tradicionalmente as guerras de guerrilhas têm ocorrido, mas em áreas edificadas superpovoadas, no interior ou em torno de centros urbanos, que germinam nos países menos desenvolvidos, cujos moradores tornar-se-ão um inextricável emaranhado no conflito rebeldes-governo”.<sup>13</sup>

Estas palavras, particularmente, estão muito próximas da realidade brasileira. Devemos passar a considerá-las seriamente, diante de um quadro que se deteriora com rapidez, configurando um potencial e ameaçador “Arrai-al do Bom Jesus do século XXI”.

Quanto ao grande hiato econômico e tecnológico que diferencia as Forças Armadas da atualidade, não se trata, por sua vez, de um fato inédito (tomemos como exemplo a diferença entre a armada britânica da Era Vitoriana e as esquadras sul-americanas de sua época), porém, sinaliza o modelo segundo o qual “um



**Mobilidade estratégica:** Forças Especiais do Exército Brasileiro atingem a área de operações, na selva amazônica, a mais de 3 500km de sua base de operações, através de salto livre operacional (o curso de água identificado no solo delimita a fronteira brasileira).

povo militarmente fraco mas resoluto pode enfrentar uma potência mundial: a guerra irregular<sup>14</sup> (sobretudo se considerarmos a invariável negligência dos grandes exércitos e seus métodos inflexíveis quanto a esta forma de guerra).

Outro aspecto que deve ser considerado ao tratarmos do aperfeiçoamento tecnológico dos sistemas operacionais é o fato de que o modo pelo qual “fazemos” a guerra não é necessariamente correspondente ao estágio tecnológico em que nos encontramos. Durante a Guerra fria, apesar dos arsenais termonucleares norte-americano e soviético, conflitos de baixa e média intensidade, generalizados, indiretos e locais, adquiriram os contornos do combate tradicional, e por que não dizer primitivo, afinal armadilhas anti-pessoal confeccionadas com bambu e cipó foram (e ainda são!) capazes de produzir baixas na infantaria inimiga.

Diante dessas idéias gerais, o cenário estratégico futuro, que começa a se definir, evidencia um ambiente amplo, diversificado e, acima de tudo, extremamente favorável à condução de operações especiais e ao emprego de forças especiais.

## Emprego Estratégico de Forças Especiais

As forças especiais não são um fim em si mesmas, não destinam-se a vencerem a guerra sozinhas. O emprego objetivo, oportuno e preciso de forças especiais possi-

bilita à Força Terrestre integrar com eficiência operações especiais e convencionais, em qualquer ambiente de conflito. “Forças especiais não devem operar independentemente”.<sup>15</sup> Entretanto, é comum na história das operações especiais encontrarmos exemplos de emprego inadequado dessas forças. Quase que invariavelmente são decorrentes da incompreensão de que unidades especiais foram concebidas, organizadas, equipadas e instruídas para executarem missões especiais, não se destinam às operações convencionais e não devem ser empregadas como tal. A Divisão Brandenburg alemã foi literalmente desperdiçada na frente russa em operações contraguerrilha e outras missões secundárias.

O outro motivo pelo qual unidades de operações especiais são subempregadas é o fato de que os comandantes regulares, que têm à sua disposição tais unidades normalmente desconhecem seu *modus operandis*, atribuindo-lhe objetivos inadequados, prazos incompatíveis e apoio insuficiente. A incursão do SAS contra o Porto de Bengasi, em 1942, concebida pelo comando britânico do Oriente Médio, por exemplo, nunca teve a aprovação de David Stirling, que criticou o plano a ponto de acusar-lhe de pecar contra todos os princípios nos quais o SAS se baseava: A incursão fracassou. No Brasil, as forças especiais do Exército, por vezes, têm sido empregadas como meras patrulhas de longo alcance em área de selva.

O emprego eficiente de forças especiais proporciona a deterioração das capacidades militares do inimigo,



Comandos do Exército Brasileiro em adestramento.

através de ações diretas ou indiretas contra a sua infraestrutura logística, seus sistemas de comando e controle (C<sup>2</sup>) e de defesa aeroespacial, obrigando-o a empenhar meios na defesa de sua retaguarda.

Dentre o repertório de missões e possibilidades das forças especiais destacam-se:

- capacidade de desdobrar-se na retaguarda inimiga;
- coletar informações do campo de batalha;
- realizar busca, destruição, neutralização e interdição de alvos de valor significativo;
- guiar ataques aéreos;
- resgatar pessoal amigo;
- planejar e conduzir operações de guerra irregular (subversão, sabotagem, guerra de guerrilhas, fuga e evasão).

Contudo, o comando que enquadre operações especiais deve considerar seriamente as características dessas operações, “onde o fracasso, em algumas dessas situações, é tão possível quanto o sucesso”.<sup>16</sup> Portanto, seu emprego deve ser judicioso, com objetivos e propósitos cujo valor o justifique. Alguns aspectos devem ser considerados no entendimento das operações especiais.

**Flexibilidade.** A grande diversidade de missões e possibilidades, ao mesmo tempo, confere e requer das forças especiais um elevado grau de flexibilidade, proporcionado por uma organização pouco rígida e uma variedade de técnicas, procedimentos e meios disponíveis.

**Profundidade.** A capacidade de conduzir operações profundas com o mínimo de direção e apoio é uma das principais características das forças especiais, proporcionando às operações terrestres maiores possibilidades

(táticas e estratégicas) de atacar o inimigo onde e quando ele estiver mais vulnerável. No dizer do israelense Emmanuel Shaked: “eu sempre acreditei... que realizar uma operação a 200 km da fronteira é menos perigoso que fazê-la nas suas proximidades”.<sup>17</sup>

**Mobilidade estratégica.** A fim de que estejam efetivamente aptas a realizarem operações profundas e a intervir com oportunidade, no mais curto prazo, em situações de crise, cumprindo missões de pronta-resposta, as forças especiais necessitam da mobilidade estratégica proporcionada pela disponibilidade de meios adequados, particularmente aéreos.

**Letalidade.** Operações especiais, particularmente as ações de comandos, devem ser dirigidas contra alvos de valor significativo, preferencialmente estratégicos, em conformidade com o Plano de Interdição do Teatro de Operações. As características de emprego dos comandos, sobretudo sua grande vulnerabilidade após denunciada sua presença, exigem precisão em sua ação. Contudo, são capazes de conquistar a superioridade relativa<sup>18</sup> e destruir, neutralizar ou interditar aeródromos, radares de vigilância, baterias antiaéreas, instalações portuárias, diques e represas, pontes e estradas, instalações de comando e controle e outros. As ações de comandos avultam de importância diante das limitações da Força Aérea, e podem ser concebidas para apoiar e/ou complementar uma campanha aeroestratégica. Destacamentos de Ações de Comandos são armas letais e precisas. Forças especiais são capazes, ainda, de guiar bombardeio aéreo contra alvos de interesse.

**Operações combinadas.** A necessidade de infiltrar e exfiltrar elementos operacionais por terra, água e ar, e o emprego comum de apoio de fogo aéreo, faz com que as operações especiais sejam essencialmente operações combinadas.

**Apoio de inteligência.** “Inteligência detalhada, precisa e oportuna é vital para o sucesso das operações especiais”.<sup>19</sup> O valor, o risco de uma operação especial e a perspectiva do inimigo contar, cada vez mais, com uma estrutura de defesa de alvos mais complexa requer um maior repertório de dados disponíveis para a seleção, planejamento e condução de ações desta natureza. O modelo adotado pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) integra diretamente no processo de planejamento de operações especiais o mais alto escalão da inteligência militar, assegurando prioridade às forças de operações especiais, numa relação curta e direta.<sup>20</sup>

**Prioridade.** O valor das forças especiais reside em sua qualidade e não em sua quantidade. Efetivos criteriosamente selecionados e rigorosamente capacitados, com prioridades na alocação de meios para o seu preparo e emprego e disponibilidade de tecnologia de ponta são essenciais para que estas forças sejam realmente capazes de cumprir as missões para as quais se destinam.

**Capacidade de pronta-resposta.** A soma de todos estes fatores confere às forças especiais a capacidade de intervir com rapidez e oportunidade em situações de crise, o que por sua vez exige um constante estado de aprestamento, incluindo um repertório de planos operacionais pré-existent para atender às contingências operacionais mais prováveis, consoantes com as hipóteses de emprego previstas (operações especiais necessitam de planejamento e ensaios exaustivos). Excetuando-se a aviação de caça da Força Aérea Brasileira, nenhuma outra força deste país é empregada em prazo menor que as forças especiais do Exército.

## Emprego de FOpEsp em Operações Conjuntas e Combinadas: Estrutura e Relação de Comando.

A relação eficiente entre as forças especiais e o comando de forças combinadas que as enquadre só pode ser assegurada por uma adequada estrutura organizacional de comando. Este Comando de Força-Tarefa Combinada das Operações Não Convencionais (FTCONC), num primeiro momento, deve enquadrar e integrar todas as unidades (especiais ou não) envolvidas diretamente na execução e no apoio às operações especiais. Em seguida, deve passar a coordenar e integrar os esforços das unidades especiais ao comando da força combinada na consecução de seus objetivos da campanha, desenvolvendo basicamente as seguintes ações:

*A visão de que unidades especiais constituem-se hoje em exércitos privados, como foram no passado, é distorcida. Sua concepção de emprego atual requer uma grande integração em todos os estágios “de planejamento e execução da campanha” às forças convencionais, com o propósito de “maximizar o potencial e a capacidade das mesmas”. O General Carl W. Stiner, do Exército dos EUA, afirma que as unidades especiais, “quando empregadas adequadamente e em sincronização com outros meios do campo de batalha, tornam-se um multiplicador do poder de combate que oferece aos comandantes a capacidade de ampliar sua visão do campo de batalha, aumentar sua flexibilidade e aperfeiçoar sua iniciativa”.*

- Assessorar o escalão superior quanto ao emprego de unidades especiais;
- Planejar e conduzir operações especiais;
- Integrar as unidades de operações especiais ao sistema de inteligência militar, tanto para atender às necessidades de inteligência das próprias operações especiais quanto para contribuir na produção de conhecimento estratégico do campo de batalha.
- Coordenar o emprego das unidades de operações especiais subordinadas e, se for o caso, com outras forças não convencionais em presença
- Prover apoio às unidades especiais subordinadas;
- Planejar, coordenar e supervisionar o emprego dos elementos de apoio às operações especiais.

No Exército Brasileiro as Equipes de Ligação de Forças Especiais têm se empenhado junto aos comandos de forças combinadas para prestar um eficiente assessoramento quanto ao emprego dos elementos operacionais do 1º Batalhão de Forças Especiais, porém, evidenciam uma relação ainda imperfeita entre forças especiais e forças convencionais.

Nas Forças de Defesa de Israel, segundo Michael Eisenstadt, o modelo adotado tem se mostrado eficiente em tempo de paz, contudo não tem se revelado tão positivo durante a guerra, argumentado que as principais operações especiais das FDI se deram durante a “paz”.<sup>21</sup>

Nos Estados Unidos, o malogro da tentativa de resgate dos reféns, em 1980, no Irã (Operação *Eagle Claw*) e o sucesso da intervenção militar na Ilha de Granada (Operação *Urgent Fury*)

**Aeronave HM-2 (UH-60) da Aviação do Exército apóia a infiltração de um Destacamento de Ações de Comandos (DAC) na selva amazônica.**



em outubro de 1983, levaram à criação em 1987, do Comando de Operações Especiais dos EUA (*US Special Operations Command — USSOCOM*), enquadrando unidades especiais de todas as forças singulares. O General Carl Stiner atesta o sucesso do *USSOCOM*:

*Em 1990, as Forças de Operações Especiais deslocaram 485 equipes de treinamento para 45 países ao redor do mundo (incluindo a América do Sul)... No Panamá, as Forças de Operações Especiais foram de suma importância ao fornecerem suficientes informações aos comandantes e possibilitarem a neutralização, com sucesso, de 27 alvos essenciais durante as primeiras e cruciais horas da Just Cause... Nas operações Desert Shield e Desert Storm as Forças de Operações Especiais do Exército e a Sea-Air-Land Team (SEAL Team) da Marinha se encontravam entre as primeiras a serem deslocadas para o teatro de operações... Logo antes do início da campanha terrestre as Forças de Operações Especiais foram introduzidas profundamente no território iraquiano em missões estratégicas de reconhecimento. As informações providas aos comandantes táticos comprovaram ser essenciais ao êxito do plano tático terrestre. Além disso, missões específicas foram planejadas e conduzidas em apoio ao planejamento da campanha.*<sup>22</sup>

O modelo norte-americano tem se mostrado eficiente na integração de operações especiais e convencionais,

maximizando o potencial e a capacidade de suas Forças Armadas. Ao contrário da Inglaterra, por exemplo, que já possui uma maior tradição em operações não convencionais, os Estados Unidos têm procurado respaldar seu sucesso no desenvolvimento e “institucionalização” de uma cultura de operações especiais.

Uma estrutura de comando adequada é fundamental para assegurar o emprego otimizado das unidades especiais e garantir a perfeita integração entre operações convencionais e operações especiais.

## **Conclusão: O Desafio do Futuro**

As exigências do futuro campo de batalha não se limitarão às armas inteligentes, ao domínio do espectro eletromagnético ou ao monopólio da alta tecnologia. A mente humana ainda desempenhará um papel preponderante e acima de tudo a definição do conflito ainda permanecerá na mais forte vontade de lutar (a Lei Moral de Sun Tzu). Se por um lado não podemos nos prender ao conservadorismo do preparo ortodoxo, por outro não podemos negligenciar o fato de que “até mesmo na atualidade, com todo o sofisticado armamento disponível, a chave da vitória ainda está no soldado a pé, bem instruído e competentemente liderado”.<sup>23</sup>

A guerra do século XXI reserva às forças especiais, incontestavelmente, um papel de destaque. Não serão as responsáveis exclusivas pela vitória, não foram con-

cebidas para tanto. Porém, as Forças Armadas que delas se privarem contarão com significativa desvantagem. Os exércitos que buscam lograr êxito no campo de batalha do futuro devem considerar seriamente suas opções em operações especiais. O General Henry Shelton avalia que “sem dúvida, a demanda pelas Forças de Operações Especiais continuarão a crescer — elas são excepcionalmente bem adequadas para o ambiente estratégico futuro”, e acrescenta que “é imperativo que essas forças mantenham uma vantagem tecnológica e continuem a investir na qualidade e habilidades de seus integrantes”.<sup>24</sup>

As forças especiais necessitam de um investimento pequeno diante das perspectivas de retorno que oferecem à nação, por serem capazes de conduzir as operações especiais em toda a sua plenitude. Por sua vez essas forças devem ser capazes de, coerente com seu passado inovador e pioneiro, anteciparem-se às mudanças, assegurando a certeza de sua eficiência.

Por ocasião da ativação do *USSOCOM*, o Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA proferiu as seguintes palavras:

*Primeiro derrube a parede imaginária erguida entre as Forças de Operações Especiais e as outras organizações militares... Segundo, eduque o resto das Forças Armadas — dissemine um reconhecimento e entendimento sobre as ações das Forças de Operações Especiais... e a importância de sua missão... Finalmente, integre os esforços das Forças de Operações Especiais em todo o espectro de nossas possibilidades militares”.*<sup>25</sup>

Com estas palavras o Almirante William J. Crowe Jr. traduziu, em sua essência e de forma simples, a postura clara, direta e ousada, necessária para que uma força militar desenvolva uma cultura de operações especiais que contribua efetivamente para o seu sucesso nos campos de batalha do século XXI.

O Exército Brasileiro, que nasceu sob a égide da guerra de guerrilhas conduzida magistralmente contra uma potência invasora, vencendo-a e expulsando-a, está apto a contar com forças especiais realmente capazes de ampliar suas possibilidades estratégicas, operacionais e táticas, e que a curto prazo mostrar-se-ão indispensáveis. **MR**

## Referências

1. **Operações especiais:** operações conduzidas por forças militares e paramilitares especialmente organizadas, adestradas e equipadas, visando a consecução de objetivos militares, políticos, econômicos ou psicológicos, por meios militares não convencionais em áreas hostis, interditas ou politicamente sensíveis. Tais operações são conduzidas em tempo de paz, conflitos e guerras, independentemente ou em coordenação com operações realizadas por forças convencionais, não adestradas em operações especiais. As considerações político-militares frequentemente modelam as operações especiais, exigindo técnicas clandestinas, sigilosas e a supervisão no nível nacional. As operações especiais diferem das convencionais nos níveis de risco físico e político, técnicas operacionais, modalidades de emprego, independência do apoio de forças amigas, e dependência de inteligência operacional detalhada e de meios locais (*Joint Pub 3-05*). **Operações de forças especiais:** operações conduzidas normalmente em ambientes de guerra irregular em áreas conflagradas ou não, dentro ou fora do país, prioritariamente com finalidade estratégica, desenvolvidas a médio ou a longo prazo, podendo ocorrer em ambiente amigo e/ou inimigo, interno e externo (Instruções Provisórias — IP 31-21). **Guerra irregular:** ações militares, políticas, psicológicas e econômicas, clandestinas e ostensivas, em áreas sob controle ou influência, atual ou potencial, de uma força ou país cujos interesses e objetivos são antagônicos aos objetivos nacionais. Tais ações são conduzidas independentemente com recursos nacionais ou em conjunto com meios locais, e evitam ou apóiam uma confrontação militar formal (IP 31-21). **Ações de comandos:** ações normalmente agressivas realizadas por tropa qualificada, de valor e constituição variáveis, através de uma infiltração por terra, água ou ar, contra alvos de valor significativo, localizados em áreas hostis ou sob controle do inimigo (IP 31-95). Por uma questão de praticidade, neste artigo, consideraremos **forças especiais** o conjunto de atividades que envolve as ações de comandos e as operações de forças especiais, propriamente ditas.
2. Stiner, Carl W., “O Emprego Estratégico de Forças de Operações Especiais” MR, 2<sup>o</sup> Quarter 1993, Edição Brasileira, p. 52.
3. Bolger, Daniel P., “Operações Especiais na Campanha de Granada”, MR, Mar-Abr 89, Edição Brasileira, p. 30.
4. Huntington, Samuel P., “O Soldado e os Estados”, Bibliex, 1996, p. 29.
5. Fuller, J. F. C., “A Conduta da Guerra”, Bibliex, 1976, p. 02
6. Baumann, Robert F., “Perspectivas Históricas sobre a Guerra do Futuro”, MR, 3<sup>o</sup> Quarter 1998, Ed. Brasileira, p. 18.
7. *Ibid.*: “Maior letalidade e dispersão / Maior volume e precisão de fogos / Maior integração tecnológica/ Obtenção de maior concentração e efeito / Maior visibilidade e possibilidade de detecção”.
8. Keegan, John, “Uma História de Guerra”, Cia das Letras, p. 19.
9. Huntington, “O Soldado e o Estado”, p. 38.
10. Liddell Hart, B. H., “O Outro Lado da Colina”, Bibliex, 1980, p. 27.
11. Summers Jr., Harry G., “A Marcha para Porto Stanley”, MR, 4<sup>o</sup> TRIM 1984, Ed. Brasileira, p. 31.
12. Shin, David W., “Guerra do Futuro: De Volta ao Básico”, MR, 2<sup>o</sup> Qter 2000, Ed. Brasileira, p. 51.
13. Shelton, Henry H., “Forças de Operações Especiais: Visão Futura”, MR, 3<sup>o</sup> Qter 1997, Ed. Brasileira, pp. 11 e 12.
14. Alexander, Bevin, “A Guerra do Futuro”, Bibliex, 1999, p. 83.
15. Bolger, Daniel P., “Operações Especiais na Campanha de Granada”, p. 33.
16. Bolger, Daniel P., “Operações Especiais na Campanha de Granada”, p. 31.
17. Eisenstadt, Michael, “A Visão Israelense das Operações Especiais”, MR, 1<sup>o</sup> Qter 1995, Ed. Brasileira, p. 55.
18. Superioridade relativa: condição existente quando uma força atacante com poder relativo de combate inferior obtém uma vantagem decisiva sobre um inimigo maior ou bem fortificado, em um determinado ponto, durante um determinado período.
19. Eisenstadt, Michael, “A Visão Israelense das Operações Especiais”, p. 50.
20. *Ibid.*
21. Eisenstadt, Michael, “A Visão Israelense das Operações Especiais”, p. 57.
22. Stiner, Carl W., “O Emprego Estratégico das Forças de Operações Especiais”, pp. 52, 58, 59, 60.
23. Summers Jr., Harry G., “A Marcha para o Porto Stanley”, p. 17.
24. Shelton, Henry H., “Forças de Operações Especiais: Visão Futura”, p. 14
25. Stiner, Carl W., “O Emprego Estratégico das Forças de Operações Especiais”, p. 56.

*O Capitão Alessandro Visacro é atualmente comandante da 2ª Companhia de Forças Especiais do 1º Batalhão de Forças Especiais. Graduou-se pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1991. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), e possui os Cursos Básico Para-quedaista, Mestre de Salto Para-quedaista (CMSPqdt), Ações de Comandos (CAC) e o de Forças Especiais (CFEsp).*